



Data: 15.05.2020

Título: Vírus faz mutações nas projeções económicas

Pub:



Tipo: Jornal Especializado Semanal

Secção: Destaque

Pág: 6;7



ÂNIA ATAÍDE

aataide@jornaleconomico.pt

A Covid-19 já fez milhares de mortes e milhões de infetados, paralisou países e está a levar os modelos de projeções macroeconómicas para território desconhecido, afetando a forma como os governos têm de adaptar as bases das decisões em matéria de políticas públicas. Os economistas consultados pelo Jornal Económico são unânimes em identificar uma dificuldade acrescida devido ao comportamento incerto de variáveis-chaves no futuro próximo, seja através dos agentes económicos, seja pelos efeitos de uma possível nova vaga.

“À luz da maioria dos modelos utilizados para projeções macroeconómicas, a atual pandemia é um choque sem precedentes”, diz Miguel de Faria e Castro, economista na Reserva Federal (Fed) de St. Louis. “É um choque que efetivamente não ocorre há cerca de 100 anos, desde a gripe espanhola, e a maior parte dos modelos que são usados para construir projeções foram desenvolvidos nos últimos 50-60 anos”, vinca.

Mas tal choque teve que ser integrado nos cálculos das principais instituições internacionais e nacionais, com todas a alertarem para o elevado grau de incerteza. As primeiras projeções nacionais chegaram pelo Banco de Portugal (BdP), em março, que num cenário-base previa a contração do PIB de 3,7% este ano e de 5,7% num cenário adverso. Em abril, o FMI mostrou-se mais pessimista e via a economia portuguesa a tombar 8%, mas no início de maio Bruxelas previa uma queda de 6,8%. Em qualquer caso, espera-se uma crise superior à de 2012, ainda que o comportamento epidemiológico e os primeiros sinais sobre a retoma da atividade económica dos países que abandonam o confinamento afetem os números estimados.

“A evolução da pandemia passou a ser um fator a ter em conta na evolução das variáveis económicas. Isto coloca dificuldades acrescidas porque se trata de um fator sobre o qual se sabe ainda relativamente pouco”,



MACROECONOMIA

Vírus faz mutações nas projeções económicas

Pandemia entrou na evolução das variáveis económicas, mas falta de exemplos históricos e imprevisibilidade leva economistas a entrarem em território desconhecido.

Área: 1076cm² / 65%

Tiragem: 20.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6639664



Data: 15.05.2020

Título: Vírus faz mutações nas projeções económicas

Pub: **JE** O Jornal Económico

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Especializado Semanal

Secção: Destaque

Pág: 6;7



Área: 1076cm² / 65%

Tiragem: 20.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6839664

realça Pedro Bação, professor auxiliar na Universidade de Coimbra.

Francisca Guedes de Oliveira, *dean* para os programas de mestrado da Católica Porto Business School, explica que tipicamente os cenários macroeconómicos são construídos tendo por base um determinado contexto provável, medindo-se em torno do mesmo a sensibilidade a oscilações de variáveis consideradas relevantes, como o preço do petróleo ou a procura externa. Porém, “acontecimentos extraordinários e raros não são, por definição, previsíveis.

Nesse sentido não é possível incluí-los neste tipo de modelização, à partida”. A solução é, a posteriori, tentar rever os cenários incluindo acontecimentos não antecipáveis. “Claro que, para o fazer, tem que se conseguir compreender quais as variáveis económicas que estes acontecimentos poderão afetar e em que magnitude” realça. É essa a dificuldade, levando a que o impacto da pandemia esteja “a ser incluído nos cenários com bandas de variação muito largas”.

A falta de exemplos nas últimas décadas que permitam uma compa-

ração está a ser um entrave nos exercícios de extrapolação. “Não há a experiência de casos anteriores em economias modernas - a pandemia da gripe espanhola foi há muito tempo - para se poder formar uma ideia relativamente precisa sobre qual é o comportamento típico numa situação destas, e a probabilidade de o comportamento se afastar do comportamento típico”, diz Pedro Bação.

Miguel de Faria e Castro recorda que a estrutura das economias era muito distinta, pelo que “os efeitos da pandemia seriam fundamentalmen-



Manuel de Almeida/Lusa



MIGUEL FARIA E CASTRO
Economista na Reserva
Federal de St. Louis



PEDRO BAÇÃO
Professor auxiliar
da Universidade de Coimbra



**FRANCISCA GUEDES
DE OLIVEIRA**
Dean Programas de mestrado
da Católica Porto Business School



ANTÓNIO AFONSO
Presidente da Unidade de Estudos
sobre Complexidade e Economia
do ISEG

te diferentes”, atribuindo “parte significativa das consequências económicas” a políticas de mitigação e contenção, “que não foram implementadas à mesma escala em 1918-1919”. Algo que invalida grande parte das comparações com esse período.

Ainda assim, António Afonso, presidente da Unidade de Estudos sobre Complexidade e Economia do ISEG, assinala que há sempre lições a retirar do passado. “Tentar perceber se crises anteriores, se bem que de menor dimensão, podem dar alguma indicação sobre a atual situação. Por exemplo, a seguir à crise financeira global de 2008-2009, o consumo pri-

vado em termos reais (cerca de 2/3 do PIB) sofreu uma redução muito significativa (chegando a -4% nalguns trimestres em 2012-2013)”, diz.

Miguel de Faria e Castro elenca entre as “grandes fontes de incerteza”, o facto de a maioria dos modelos estar preparado para traçar projeções sobre o comportamento de variáveis macroeconómicas, como desemprego ou consumo, face a choques económicos, de oferta agregada ou de procura agregada. E estamos perante algo diferente. “É um choque que tem origem fora da economia, e que tem consequências tanto a nível da oferta (com o fecho de determinados setores de atividade económica como restaurantes ou hotéis) como a nível da procura (a redução do consumo que advém do fecho desses setores, do aumento do desemprego, e da incerteza quanro ao futuro)”, diz.

Sendo a economia uma ciência social e humana, Francisca Guedes de Oliveira lembra que está “extraordinariamente exposta a variações comportamentais”, dependentes de vá-

rios aspetos. “Uns mais previsíveis, por serem sistemáticos e consistentes, outros menos, por serem do foro mais psicológico e individual. Na abertura da economia irá prevalecer o receio e o autoconfinamento e, consequentemente, um aumento moderado do consumo privado ou, pelo contrário, a ânsia de normalizar levará a uma subida relativamente rápida desta variável?”

É perante a alteração rápida dos pressupostos do exercício de estimação do impacto económico, que “conjuga vários elementos novos que acentuam a incerteza e complexidade dos exercícios de projeção”, que o Banco de Portugal tem procurado adaptar processos. “Temos recorrido a novos métodos de previsão da atividade económica, conjugando instrumentos mais tradicionais do lado da procura com uma abordagem do lado da oferta no curto prazo”, diz. Na nova abordagem integra novas fontes de dados, de maior frequência e disponíveis com mais periodicidade, como o inquérito excecional às

Data: 15.05.2020

Titulo: Vírus faz mutações nas projeções económicas

Pub:



Tipo: Jornal Especializado Semanal

Secção: Destaque

Pág: 6;7



empresas lançado pelo regulador em parceria com o INE.

Francisca Guedes de Oliveira defende ainda que “deve-se aceitar que pode haver um momento em que, por que se descobre a cura ou a profilaxia, as previsões feitas (pelo menos no cenário central) falhem redondamente, pois em pouco tempo os comportamentos podem alterar-se drasticamente”. Por isso é importante abrir caminho a novas variáveis nos cenários criados, como a evolução do contágio, prazos distintos para descoberta de vacina e medicação eficaz. “Devem ser construídos com apoio de especialistas e cientistas que ajudem a compreender melhor as probabilidades a associar a cada uma das alternativas”, sustenta.

Os cenários macroeconómicos assumem-se fundamentais para as políticas públicas, ao servirem de base para os cálculos dos riscos, apontam os economistas. “Sendo cenários, são previsões, sempre sujeitas a desvios, erros, e correções. Ainda assim, são essenciais para, nomeadamente, a definição da política orçamental de um país e do respetivo governo”, salienta António Afonso. ●

Área: 1076cm² / 65%

Tiragem: 20.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6639664